

O programa foi todo cumprido, 1º fev. 1961

Do enviado especial
O Estado de S. Paulo, 1º fev. 1961¹

BRASÍLIA, 31 – Um pouco de sol ajuntou-se à solenidade desta manhã, em Brasília, dando mais vida às cores das fardas dos guardas de honra e fazendo brilhar medalhas exibidas sobre casacas negras, enquanto se desenrolavam as cerimônias de diplomação de posse do novo presidente do Brasil, sr. Jânio da Silva Quadros, e do vice-presidente, João Goulart.

Ao término da cerimônia de transmissão dos cargos, voltou a chover fortemente em Brasília e povo e guardas fugiram da água e da lama, deixando vazia a imensa praça dos Três Poderes.

Cessava também a música das bandas marciais e Jânio Quadros ficava só, no Palácio do Planalto, sede administrativa do governo da República, cercado apenas pelos auxiliares diretos, preparando-se para enfrentar os primeiros problemas de seu período de cinco anos de governo.

O programa

Jânio Quadros e João Goulart cumpriram à risca o programa da solenidade de posse. Os horários foram obedecidos com um mínimo de atraso.

Às 8 horas iniciava-se a solenidade de diplomação no Superior Tribunal Eleitoral, que não se cercou de grande pompa. O presidente da Corte, ministro Ari Franco, fez seu discurso, a que respondeu o sr. Jânio Quadros. Curiosamente os dois referiram-se ao direito de voto, na garantia de voto livre, e ao aperfeiçoamento dos processos de eleição.

Em seguida, o ministro Ari Franco entregou aos srs. Jânio Quadros e João Goulart os diplomas de presidente e de vice-presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Jânio Quadros passou o pergaminho às mãos da esposa, dona Eloá, que estava junto à mesa, depois de expô-lo aos fotógrafos.

1 Conforme a nota “Os trabalhos de cobertura do *Estado*”, publicada em *O Estado de S. Paulo* a 1º de fevereiro de 1961, uma equipe de reportagem do jornal, da qual Vladimir Herzog fazia parte, viajara a Brasília, dois e três dias antes, para cobrir a posse do presidente Jânio Quadros. Essa nota e o estilo de alguns dos textos aqui apresentados, também de 1º de fevereiro de 1961, deixam perceber a presença de Vlado na autoria deles. Os textos combinam precisão de informações, atenção a detalhes (climáticos, psicológicos) dos ambientes e olhar agudo para atitudes de pessoas de diversas classes sociais, assemelhando-se a artigos dele, como o da inauguração de Brasília.

Entre os enviados especiais estavam também José Natal Sartoretto, Carlos Alberto de Azevedo, Alessandro Gambiasio, Oswaldo Palermo e Reginaldo Manente. Eles trabalharam com os funcionários da Sucursal de Brasília: Fernando Jorge Pedreira, Ari Ribeiro, Aldo Mascelani, Esperidião Esper, Paulo Manoel Vilela de Magalhães, Effraim Raymond, Nadir Jorge, entre outros.

Estava de bom humor, alegre, paciente e calmo, o novo presidente da República, durante toda a manhã. Não se impressionou com a aglomeração de fotógrafos e repórteres que, na improvisação da cobertura, aproximavam-se demasiadamente do presidente. Sorriu para velhos conhecidos da imprensa, acenou alegremente para os que o saudavam mais de longe.

Nos Três Poderes

Quando, depois de um breve descanso, Jânio Quadros voltou à praça dos Três Poderes, para a cerimônia de posse, no Congresso, a grande esplanada dos ministérios e as avenidas e rampas, que dão acesso à sede do Legislativo Nacional, ofereciam à forte luz do sol as cores das bandeiras e dos uniformes, o brilho dos instrumentos musicais, as casacas pretas e o entusiasmo dos populares, formando cordões em homenagem simbólica.

No plenário, onde há lugar para pouco mais de mil pessoas, pelo menos 3500 conseguiram entrar. Foi esse o número de convites distribuídos pela casa, que recusara qualquer auxílio do Itamaraty nos preparativos da festa.

Embaixadores tiveram ocupados os lugares que lhes haviam sido reservados, e inclusive alguns deputados se encarregavam de arrancar os cartões de identificação das poltronas. Houve um deputado federal que chegou a empurrar violentamente um senador, lutando para chegar até a sala da presidência da Câmara, onde Jânio Quadros e João Goulart passaram alguns instantes.

A Mesa da Câmara fez o possível para que os fotógrafos e os repórteres se ajeitassem, mas não conseguiu impedir que a movimentação do pessoal da imprensa prejudicasse a visão das personalidades sentadas nas primeiras filas do plenário. Uma senhora perdeu o chapéu cor-de-rosa, ao tentar passar à frente de um grupo.

Mas a casaca de Jânio Quadros, seu colete preto, sua cartola, suas luvas brancas não sofreram com o assalto. Ficou em seu lugar, na mesa nova da Câmara, sorrindo, de mãos cruzadas sobre a cintura, calmo.

“Declaro empossado...”, disse o senador Filinto Müller, fazendo do sr. Jânio Quadros o presidente da República, de 31 de janeiro de 1961 a 31 de janeiro de 1966. Repetiu a declaração para o sr. João Goulart, vice-presidente reeleito.

O sr. Jânio Quadros mandou abaixar a capota do “Rolls Royce” quando vinha do Congresso para o Palácio do Planalto, aproveitando o curto percurso de 500 metros. Foi a ocasião para a saudação dos habitantes de Brasília e das caravanas que se reuniram na praça dos Três Poderes.

Faixas foram estendidas, espocaram rojões, a custo os responsáveis pelo policiamento contiveram a multidão. Os que se arriscaram a um tombo do alto da rampa, que leva ao Palácio do Planalto, conseguiram vencer o cordão de guardas e chegar ao grande *hall*. Uma curiosa mistura de fardas, casacas, vestidos e chapéus, ternos comuns, sapatos enlameados.

No Alvorada

Foram formais de mútuos elogios os discursos que Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros pronunciaram na plataforma do Palácio da Alvorada, antes que o primeiro impusesse ao segundo a faixa de presidente da República.

Foram os dois muito aplaudidos. Daquele momento em diante, Jânio Quadros tornou-se presidente do Brasil, no exercício do cargo. Passou à assinatura dos decretos de nomeação dos seus ministros, e a discutir com seus auxiliares imediatos questões que deve resolver imediatamente.

Jânio Quadros recebeu à tarde os cumprimentos das missões diplomáticas estrangeiras e assinou seus primeiros atos. À noitinha, falou ao País pela *Voz do Brasil* e mais tarde ofereceu uma recepção no Palácio da Alvorada.

“O programa foi todo cumprido”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1º fev. 1961, p. 44.